

Um gramático de vanguarda

Alvacyr Pedrinha, da ABF e UFF

De uns tempos para cá, a palavra gramático sofreu um desgaste violento. Passou a ter quase sempre valor depreciativo. Raros são aqueles que aceitam de bom grado tal epíteto. A maioria dos cultores da língua querem, hoje, ser lingüistas, pois para muitos ser gramático é ficar confinado no mundo medíocre das questiúnculas da língua, ostentando a toda hora o famigerado lápis vermelho, detector das infrações do código da comunicação lingüística. Esse policiamento exercido por certos gramáticos concorreu, em grande parte, para que esse tipo de jansenismo gramatical ficasse inteiramente desmoralizado e fosse repudiado pelos verdadeiros cultores do idioma. Os indivíduos mais radicais chegam a empregar certas estruturas, próprias de camadas sociais que não tiveram o privilégio de cursar o 1.º grau. É comum, hoje em dia, ouvir-se de pessoas de relativa cultura expressões incompatíveis com o seu grau de escolaridade. Trata-se, evidentemente, de um nivelamento às avessas.

Em um passado não muito distante, Gladstone Chaves de Melo, com justa razão, anatematizava a gramatiquice: “Ora, a gramatiquice está na linha da aberração totalitária, porque, não se resignando à realidade lingüística, pretende ajeitá-la às fórmulas surgidas ou fixadas na mente dos puristas”.¹

Isto foi dito em 1949, no livro *Iniciação à filologia portuguesa*, que posteriormente, passou a se chamar *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Era mais do que justo que assim reagisse ao farisaísmo gramatical e tomasse aquela posição de luta contra a bitola estreita, ingloriamente defendida por professores também de mentalidade estreita. Mas agora, no rodapé da mesma página em que investe contra a gramatiquice, reconhece que:

Hoje, de fato, a gramatiquice está batida em quase todas as frentes e o perigo é o erro contrário: o desleixo, o descaso total pela correção, o desprezo da língua literária e a idéia de que se deve escrever como se pensa e se fala – confusamente e por elipses indecifráveis.

Portanto, nem muito ao mar, nem muito à terra. E Sousa da Silveira conhecia, como raros, o sentido das proporcionalidades, possuidor de agudo e apurado sentimento da língua. Em uma época em que havia um respeito às normas rígidas da gramática, em uma época em que a colocação do pronome átomo na frase, embasada estritamente na entoação frasal do português europeu, consti-

tuía um tabu para os escrevinhadores de então, Sousa da Silveira assumiu uma posição realmente de vanguarda. Lembro-me, como se fosse hoje, de um fato que bem ilustra o seu espírito aberto aos problemas da língua. Em uma prova de uma aluna de Letras, apareceu, na resposta de um item da questão, frase iniciada com pronome átono. Sousa da Silveira perguntou à aluna se ela sabia o que fizera na prova. Imediatamente, ela atinou onde o professor queria chegar. Sim, disse ela, começara uma frase com pronome átono e assim o fizera por motivos rítmicos, estilísticos. Sousa da Silveira se deu por satisfeito, através de um sorriso de aprovação. Procedimento próprio de um gramático que vê a língua como instrumento de efetiva comunicação. Um gramático de formação tradicional logo condenaria aquele tipo de construção sintática, por contrariar os princípios prescritos pela gramática, esquecido de que a letra mata e o espírito vivifica. E dentro deste espírito sempre agiu Sousa da Silveira.

Nas instruções metodológicas de um programa de Português para o curso secundário, feito por Sousa da Silveira, a doutrina sobre o emprego do pronome átono na frase se reveste de ampla abertura, resultante da estilística e da entoação frasal brasileira.

Na sexta edição das *Lições de português*, na página 252, a respeito da situação do pronome átono, lê-se o seguinte: “A linguagem brasileira corrente infringe este preceito a cada momento, e é força reconhecer que, em muitos casos, comunicando à expressão encantadora suavidade e beleza”:² aliás, a título de observação.

Sousa da Silveira e Mário de Andrade se corresponderam, durante algum tempo, como declarou o primeiro, em entrevista concedida a Homero Sena. No decorrer da conversa com o jornalista, Sousa da Silveira disse que, em uma destas cartas, o assunto ventilado foi a questão do pronome clítico, pois Mário de Andrade, em seus escritos, empregava as variações pronominais sistematicamente em desacordo com o que preceituava a gramática e, às vezes, chegava a contrariar a índole da língua do português do Brasil. Vejamos o posicionamento de Sousa da Silveira diante desta matéria mais uma vez:

Lembra-me que tratamos numa delas do período iniciado por pronome pessoal átono a que Mário me supunha avesso, sem que o fosse. O que eu lhe notava era o uso quase sistemático de começar o período por variação pronominal átona, ainda nos casos em que a prática de todos os dias não o fazia. Notava-lhe que a língua literária tirava a sua seiva da língua popular, mas havia de aproveitar desta o que fosse gracioso, original, útil – e nunca as suas construções pesadas, longas ou ambíguas.³

Ainda, na entrevista, foi-lhe perguntado se devíamos respeitar cegamente as regras da gramática portuguesa:

- Em absoluto, nem mesmo as regras da nossa gramática devemos respei-

tar cegamente. A cegueira, neste caso, seria inferioridade, falta de personalidade. Devemos respeitar as regras da Gramática (da boa Gramática, isto é, aquela que apura, com objetividade, os fatos da língua), e devemos respeitá-las porque elas indicam tendências gerais da coletividade, nas quais nos devemos integrar, mas às quais não nos devemos submeter sem coragem para uma inovação útil, como fanáticos que não pensam por si, não têm iniciativa própria e são, antes de tudo, corpos sem alma.

Estes e outros posicionamentos de Sousa da Silveira o distinguem de quase todos os gramáticos de sua geração. Neste quase, coloco o grande lexicógrafo Antenor Nascentes.

Como observamos, Sousa da Silveira defendia a gramática com embasamento sociolinguístico, gramática viva, indicadora das “tendências gerais da coletividade”. E é um dos objetivos a que pretende chegar, creio eu, o grupo de pesquisadores do Projeto NURC, formado por Celso Cunha, Nelson Rossi e outros ilustres mestres.

Depois da coleta do material, teremos, provavelmente, uma das tarefas importantíssimas: a elaboração de uma gramática que exponha as reais tendências da língua atual, e não mais aquele *corpus* de regras, algumas tão mumificadas para o estudante de hoje, tão estranhas para ele, que mais parecem fragmentos de uma língua de uma galáxia perdida no espaço sideral.

Antes das *Lições de português*, para a abonação dos fatos da língua, as nossas gramáticas, via de regra, só a autores portugueses, praticamente, recorriam. Pareciam ser eles os únicos proprietários ou senhores do idioma. Said Ali, na *Gramática histórica da língua portuguesa*⁴, cita, entre outros, Herculano, mas se esquece de Alencar. Ainda, na sua *Gramática secundária da língua portuguesa*⁵, as páginas não se abrem, devidamente, aos autores brasileiros. Cita Gonçalves Dias duas vezes: pp.219, 223; Castro Alves, uma vez: p.232; Machado de Assis, duas vezes: p.234².

Em carta, transcrita nas *Lições de português*, p.311, e dirigida a Sousa da Silveira, Said Ali procurou justificar por que assim o fez:

Aplaudo, e muito, o citar trechos de autores brasileiros, autores a que os gramáticos da antiga escola negavam o direito de votar. Eu pessoalmente não há dúvida que pouco os tenho citado em meus trabalhos; mas é claro que estudando, como estudo, os fatos históricos, se não tratei desenvolvidamente do falar brasileiro, é que ainda não cheguei a esta fase mais moderna da linguagem.

Mário Barreto, nos livros: *Novos estudos da língua portuguesa*⁶, *De gramática e de linguagem*⁷ e *Através do dicionário e da gramática*⁸ pode-se dizer que, praticamente, ele ignorou os autores brasileiros, pois raramente os mencionou. O elenco de autores portugueses, para abonarem os fatos da língua, é respeitável, enquanto os nossos escritores jazem no limbo.

O quadro muda inteiramente de figura a partir do ano de 1919. Como diz Celso Cunha: “Ainda em 1919, quando o professor Sousa da Silveira publicou as *Lições de Português*, com larga documentação de autores brasileiros, especialmente de Machado de Assis, o fato, por insólito, causou estranheza entre os professores do idioma”.⁹

A estranheza maior, posteriormente, foi a presença de escritores do chamado Movimento Modernista, ou ligados à renovação Estética de 1922, a abonar fatos referentes à Língua, nas *Lições de português*, 3.^a edição melhorada, Rio, Civilização Editora, 1937. Em 1937, é de estarrecer, mas é verdade, que muitos professores de português e de literatura ainda contestavam os valores trazidos pelo Modernismo. Alguns pobres coitados chegavam até a negar a sua importância estética, a sua mensagem. Os que se julgavam mais atualizados, focalizavam nas aulas o estilo simbolista. A explicação é simples. A reação ao novo, muitas vezes, decorre do espírito acomodatório do ser humano, ou da sua natureza ultraconservadora. Até hoje o Concretismo, cuja importância para a Literatura é bem significativa, não tem sido estudado entre nós como merece. Já contamos com uma *Antologia da poesia concreta em Portugal*¹⁰, e aqui, entre nós, já temos desde 1963 a *Teoria da poesia concreta*.¹¹

Não nos cabe condenar os nossos colegas que ignoraram o Modernismo, porque, infelizmente, repetimos, hoje, a façanha era em relação ao Concretismo. Antes de negar-lhe a validade, devemos estudá-lo.

Retornando aos autores do Modernismo, Sousa da Silveira, acolhendo-os em suas *Lições de português*, nos deu uma magnífica aula de modernidade. Mostrou, por atos, e os atos falam mais do que as palavras, ser um gramático do seu tempo, gramático na boa acepção do termo, como disse Manuel Bandeira, em artigo transcrito do *Jornal do Brasil*, nas *Lições de português*, p: 312.

Quem abre este livro encontra logo na primeira página uma nota que define o autor e o situa a mil léguas da caturrice gramatical que dominava o estudo do português quando éramos meninos. Ai tempo! A meia ciência dos falsos puristas pontificava no setor da colocação dos pronomes e outros fáceis campos de exibição. (...)

Nele não há meia-ciência haurida em gramáticas raquíticas: há o conhecimento profundo do idioma, só adquirido em longos anos de convívio diário com a prosa e a poesia dos mestres em todas as idades da língua.

Nas *Lições de português*, há um número expressivo de escritores de todas as idades da língua. O seu plano é diacrônico, mas avulta o elenco de autores contemporâneos. Não se pode desprezar o passado que, muitas vezes, explica o presente.

Sousa da Silveira poderia, como era de hábito, ter omitido os escritores de seu tempo. Em 1937, muitos intelectuais ainda franziam o nariz aos escritores modernistas, procurando minimizá-los, ou negar-lhes foros literários. E, nesse

ano, saíram as *Lições de português*, 3.^a edição, com um grupo de autores bem representativos de sua época. Manuel Bandeira aparece duas vezes: pp. 178, 344; Lúcio Cardoso, quatro vezes: pp. 70, 185, 298, 357; Amando Fontes, seis vezes: pp. 150, 247², 295², 333; José Lins do Rego, dez vezes: pp. 231, 244, 258², 259, 262, 298³, 329; Graciliano Ramos, sete vezes: pp. 237, 247², 258², 298, 299; Ribeiro Couto, duas vezes: pp. 290, 295.

Com as *Lições de português*, Sousa da Silveira reabilitou os gramáticos da pecha de estreitos, em virtude da dimensão nova que deu aos estudos da língua, como sabiamente, observou o sábio professor Said Ali, em carta já aqui mencionada, da qual se tiram as seguintes palavras:

Com a leitura desta nova obra veio reavivar-se – nem esperava eu outra coisa – a impressão que me deixaram seus trabalhos anteriores: método rigoroso de estudo e apreciação justa dos fatos da linguagem, contrariando embora, em seus excessos e fantasias, o dogmatismo da chamada corrente purista.

Realmente, Sousa da Silveira é tudo isso em toda a sua obra.

Outros autores brasileiros não ligados ao Modernismo e contemporâneos de Sousa da Silveira são arrolados também em suas *Lições de português*, atitude bem inovadora, pois, como é sabido, até então, os gramáticos brasileiros preferiam exemplificar os fatos da língua com autores portugueses de épocas bem distantes.

Referências bibliográficas

- ¹ MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística*, 5.^a ed. melhorada e atualizada. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975, p.47.
- ² SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. 6.^a ed. melhorada, Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960, pp. 252, 311, 312.
- ³ SENA, Homero. *O problema da língua brasileira* – Entrevista com o Prof. Sousa da Silveira, Rio de Janeiro: MEC, Serviço de documentação, 1953, pp. 23, 34.
- ⁴ SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- ⁵ _____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ⁶ BARRETO, Mário. *Novos estudos da língua portuguesa*, 2.^a ed. corrigida e aumentada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.
- ⁷ _____. *De gramática e linguagem*. 2 tomos. Rio de Janeiro: O Norte, 1922.
- ⁸ _____. *Através do dicionário e da gramática*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1927.
- ⁹ CUNHA, Celso. *A língua portuguesa e realidade brasileira*, 2.^a ed. melhorada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 45.
- ¹⁰ MARQUES, José Alberto e CASTRO, E. M. Melo e. *Antologia da poesia concreta em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1973.
- ¹¹ CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Invenção, 1963.